

Cristina Carvalho
Quatro Cantos do Mundo

Ilustrações de Manuel San Payo

DEDICATÓRIA



Vidas Brancas, a Roald Amundsen

Em lembrança de um homem e de todas as viagens que fiz acompanhada por ele, subindo e descendo elevações e planuras geladas que existiam nas dobras dos meus lençóis, sobrevivendo a predadores, conhecendo estranhos animais e sempre, sempre conseguindo salvar-me! A minha vida por uma boa aventura, graças a Roald Amundsen, um dos meus principais heróis, o histórico conquistador e explorador dos Pólos.



A Noite É o Lugar mais Tranquilo do Mundo,
a David Livingstone

Os viajantes do deserto foram sempre, para mim, enigmáticos e misteriosos. Lembro-me de ver e apreciar gravuras antigas, desenhadas a tinta-da-china, que revelavam homens em cima de camelos atravessando lonjuras de sede, de fome, de calor e de frio, mas sempre seguindo em frente, sem nunca olhar para trás. Era esta a ideia que eu fazia do deserto: um vasto oceano de areia tão solitário e inóspito como o próprio oceano. Quando li, pela primeira vez, algumas notas sobre a expedição que David Livingstone fez ao deserto de Kalahari, em meados do século XIX, considerei a sua aventura inexplicável e entendi a coragem do ser humano como uma virtude transcendente.



Casa Verde, a David Attenborough

Lembrando Sir David Attenborough e todos os recantos do mundo que me apresentou. Um planeta saudável é o que eu posso desejar a todos os meus descendentes. Um planeta mais natural, mais equilibrado, mais respeitado, foi tudo o que aprendi a desejar com este homem absolutamente amigável. Com ele conheci, conhecemos, o complexo desabrochar de uma flor e o mistério de qualquer nascimento. David Attenborough tem tido, na sua vida activa, o raro dom da dádiva do conhecimento, que consegue transmitir através de uma linguagem extremamente simples, para que todos o entendam.



Viajando sob o Azul Intenso das Águas,
a Jacques-Yves Cousteau

Em memória e lembrança de Cousteau, que dedicou toda a sua vida à exploração do mundo subaquático. A vontade de conhecer aquilo a que ele chamou *O Mundo Silencioso* fez com que eu, ao longo da vida, tivesse apreciado alguns filmes que este explorador submarino realizou e deu a conhecer na televisão e no cinema. Ele desvendou um mundo que a humanidade, com raras exceções, alguma vez poderá contemplar.

E toda a vida fui assim imaginando outros seres, outros sóis, outras plantas, outras vidas...

NOTA PRÉVIA

Tudo o que do céu se pode ver

Gosto de viajar, sempre que posso, nesta vastidão sem nome: no inominável nada. E viajando tenho visto muitas luas, muitos sóis, muitos chãos, outras águas, outras terras. Ainda assim, a mais bela que encontrei até hoje foi esse enorme redondo, esse tal brilho azulado que me parece, por vezes, não haver nada que se lhe assemelhe. Ou então fui eu que ainda não encontrei!

Descobri-a, por um acaso, numa destas minhas deambulações celestiais, por entre todos os astros que iluminam o silencioso espaço negro a que chamam céu: um ponto de brilho azulado, aparentemente fixo, rodeado por outros pontos não tão brilhantes, sob a luz intensa de uma certa estrela.

Neste oco total costumo ver «coisas» sem princípio nem fim, sem contornos perceptíveis. São explosões, são gases, são lumes, são névoas espessas e véus ligeiros de todas as cores. Também há nuvens

neste espaço. Eu, realmente, existo tanto como elas, mas tento compreender-me e tento, principalmente, acreditar nalguma coisa, o que não é muito fácil, pois nada é real, nada é previsível e o nada é constante. A minha curiosidade de viajante obriga-me a tentar perceber o que vejo. Mas não consigo. Desloco-me numa longa cauda prateada composta por milhões e milhões e milhões de minúsculas partículas especiais. São pedrinhas? São areias? São sons? São palavras? De que são formadas estas caudas vaporosas que inundam todo o espaço em círculos, milhões de círculos que cegam de tanta cor? De onde vêm estes corações que batem uma única vez e desaparecem sem deixar um rasto, uma fronteira, uma sombra? De onde vem este meu sentimento de estar perdido para sempre? E tudo pulsa, e tudo vibra à minha volta como seres vivos animados por raios de velocidade indescritível.

Verifico que não há caminhos nem qualquer ponto de referência e que o meu tempo – considerando vagamente a noção de tempo – é limitado. Quero eu dizer: sem vida, sem ar para respirar. Rodeado por estrelas e pó de estrelas, eu sou apenas mais um grão de poeira no infinito absoluto. De um momento para o outro desaparecerei, como desaparece tudo o que existe. E a poeira existe.

Consigo espreitar daqui de cima todos os mundos. Mas aquele que me tem despertado maior atenção é um volume de manchas verdes e azuis. As azuis



maiores que as verdes. Não é um dos maiores planetas que eu posso avistar deste lugar onde me encontro, mas já é bastante grande. Um dia destes vou aproximar-me mais. Sempre quero ver o que vou encontrar.

Numa destas alturas, eu, que nunca sei se é dia se é noite, pois aqui não tenho qualquer noção do espaço e do tempo, nem sequer da luz, decidi-me a sobrevoar este redondo. Pude, então, verificar que, enquanto de um lado é claro, do outro lado é escuro. Isto classificando por «lados» um corpo celeste absolutamente redondo. E há zonas imensas, alastradas, de cor branca, amarela, verde, castanha, acinzentada. Devo dizer que daqui onde estou não se percebe, realmente, nada. Deveria eu chegar-me mais perto? Esvoaçarei, pois, para mais perto.

O que é que consigo ver, agora mais de perto? Nuvens. Camadas espessas de nuvens brancas, o Sol e a Lua. O Sol continua a brilhar iluminando este espaço onde me encontro e a Lua, esse astro árido e muito seco, não tem graça nenhuma. Mas sei que também ilumina o planeta que me proponho visitar. Sei que o ilumina, de vez em quando, e que proporciona intenções. Variadas intenções: desde uivos a lamentos, recados e declarações, juras de amor, morte e ódios, tudo isto a Lua recebe, acata e recolhe na sua superfície incerta.

E vejo-me a pensar como é que nesta Lua, um corpo destes, pequenito, seco, esbranquiçado, rasgado por enormes fendas, dependente da luz dessa sempre

estrela que tudo vai queimando à volta, com seus anéis incandescentes de poder sobrenatural, como é que esta desinteressante Lua pode desencadear tanta coisa? Até poesia!

É talvez o planeta mais perto da grande bola colorida a que vou chamar Terra.

Por isso mesmo, porque a Lua está tão perto, um dia foi pisada pelos homens temerários que habitam a tal Terra. E as marcas que deixaram em solo tão seco jamais serão apagadas. Todos os outros seres como eu, que esvoaçam eternamente nestes gases e que não existem, mas existem, se acontecer aparecerem por aqui, verão umas pegadas enormes e estranhas. Um desenho singular, com estrias e ranhuras. Serão patas? Serão pés? Ninguém sabe. Nunca ninguém soube, dizem alguns mais teimosos.

Continuo, agora, a aproximar-me a velocidade transcendente do planeta Terra. Perfuro a camada de nuvens e a visão é única. Que segredo estará para me ser revelado? Deverei assustar-me? Aiii! Senti um piparote. Um asteróide, com certeza – um asteróide importuno que passou a rasar o meu cabelo!

Perfurada a espessa camada de nuvens brancas que envolve a atmosfera do planeta, enfrentei as mais violentas correntes de ar, fui cuspidado e sugado e sugado e cuspidado vezes sem conta até que por fim, já muito entontecido e cansado, vislumbrei o mais maravilhoso cenário que alguém possa imaginar!

Ali a rodar, no infinito azul, o planeta que eu tanto queria visitar! E ainda que fosse gigantesco e, de certo modo, inacessível, eu tinha a certeza absoluta de que o queria conhecer.

E aqui estou a flutuar, finalmente, por cima de uma grande mancha azul-escura que deve ser o tal mar. Avisto também porções imensas de cores variadas. Nem sei por qual me decidir! Onde querei parar, sem fazer a menor ideia do que vou encontrar?

Tudo o que de importante e maravilhoso apreciei, aqui vos conto. Deixo as minhas impressões na forma de quatro pequenas histórias que se passaram, em épocas diferentes, nos quatro principais pontos deste planeta Terra:

No pólo norte

No deserto

Na selva

No fundo do mar

Espero e desejo que possam viajar tanto como eu, quase todos os dias, pela simples observação da abóbada celeste que envolve todos os habitantes e viventes transitórios deste magnífico planeta. A Terra.